

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσοπέδιον ἔστω τοῖς ποσσίν· ἵνα ἴσῃς ἅμα
καὶ τὸν ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ ἔρχομενον
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

OS CASSITAS: ESSES DESCONHECIDOS?

ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS

Universidade de Lisboa
ajr-santos@sapo.pt

A bibliografia é escassa acerca deste povo e a sua informação dispersa um pouco por livros e artigos variados. Tentaremos fornecer neste pequeno artigo o estado dos nossos conhecimentos possíveis.

I

À data da morte de Hammurabi em 1750 a. C. muitos factos iriam acontecer. De um lado do Taurus, os Hititas estavam em vias de se implantar na Anatólia Central. Para lá do Eufrates, os Amoritas ocupavam com firmeza a Síria-Palestina. Nos confins setentrionais da Mesopotâmia, os Hurritas encontravam-se divididos em pequenos principados.

Menos de dez anos mais tarde, após a morte do grande monarca, o edifício iria abrir fissuras sob influência das pressões internas, políticas e económicas, que acabariam um dia por levar à sua queda.

O grande império babilónico foi obra de um só homem. Assentava sobre a personalidade poderosa e sobre um sistema administrativo que pouco a pouco se serviu dos poderes locais para reforçar o do soberano. Formado de múltiplos reinos, dos quais os mais importantes ainda possuíam a recordação da sua independência e apenas esperavam o desaparecimento do poderoso monarca para tentarem sacudir o jugo imperial. As revoltas eram fáceis devido ao enquadramento político débil. O rei de Babilónia e os seus dignitários possuíam vastos domínios, o mercado de prata estava nas mãos de mercadores e homens de negócios vorazes e

as províncias, particularmente, no Sul mesopotâmico empobreciam em proveito da capital e subúrbios próximos.

Os sucessores de Hammurabi não conseguiram conjurar as revoltas e resignaram-se ao desmembramento do império. Para compensar as perdas dos alugueres das quintas e rendimentos fiscais e tentaram intensificar a produção agrícola no território que ainda possuíam. Para substituir os benefícios do comércio externo, exíguo pela passagem dos portos do Golfo para as mãos do inimigo, os mercadores tornaram-se banqueiros.

Agindo com o Palácio eles ofereciam aos pequenos exploradores e pequenos comerciantes, empréstimos de equipamento e «empréstimos de necessidade» aos mais pobres, isto é, à maioria da população trabalhadora que tentava sobreviver e cuja força de trabalho se encontrava consideravelmente enfraquecida. Milhares de famílias endividavam-se e numerosos credores privados enriqueciam ao ponto de ameaçar o «Estado».

Abandonou-se a prática do pousio o que levou ao esgotamento dos solos e acelerou a sua salinização. Assim, a Babilónia passou em cerca de um século (1700-1600 a. C.) da desintegração política à desordem económica agravada por um desastre ecológico.

Paradoxalmente, foram os príncipes supostamente «bárbaros» que se estabeleceram, pouco tempo, depois na Mesopotâmia, os Cassitas que se instalaram no trono vazio que reverteram a situação e pouco a pouco transformam a Babilónia num reino próspero. Eles reinaram quatro séculos mas a pobreza das fontes transformou este num dos períodos mais mal conhecidos da história mesopotâmica.

Outra sucessão de revezes, Samsu-iluna teve de fazer face a agressores estrangeiros a julgar pela menção lacónica, nos seus nomes de anos, um «exército de cassitas» (ano 8) e um outro «exército de Amurru» (ano 36). Como os nomes de anos do seu rival Rim-Sin II fazem alusão aos «vis Cassitas», estes últimos parecem ter atacado em várias frentes. Quanto ao termo Amurru é provavelmente o que designa os Amoritas da Síria, e podemos reportar a uma revolta, ou a uma campanha, dos reis de Hana a partir da sua capital Terqa.

De todos os povos que habitaram a Mesopotâmia antiga, os Cassitas são os mais misteriosos. Alguns autores viram a sua origem no sudoeste do Irão para onde eles se retiraram mais tarde. Contrariamente aos Hurritas, eles não escreveram nada na sua própria língua e nós só a conhecemos através de palavras soltas nos textos acádicos e por dois «vocabulários», um onde se dão os equivalentes sumero-acádicos de vários deuses cassitas, outro que é a tradução, ou melhor, a explicação de alguns nomes próprios.

O cassita não é uma língua semita e não tem parentesco com o sumério, o hurrita e outras línguas faladas no Próximo Oriente nem com as línguas indo-europeias. Todavia, os Cassitas talvez tivessem contactos antigos, directos ou indirectos, com os indo-europeus.

Os Cassitas apareceram pela primeira vez na Mesopotâmia na época babilónica antiga sob a forma de indivíduos isolados ou em grupos, e depois organizados em tribos chamadas de «casa de um dado chefe».

As mais antigas referências datam de cerca de 1800 a.C. Um século mais tarde um cassita denominado Kastililiash tornou-se rei de Hana. É nesse momento e nessa região que começa a longa história da dinastia cassita.

Os Cassitas tomam Babilónia após a incursão hitita que pôs fim à sua I dinastia (c. 1595 a. C.). Admite-se que o primeiro soberano cassita desta cidade foi Agum II.

Não estamos melhor informados acerca da organização, da administração, das estruturas económicas e sociais da Babilónia na época cassita.

A pobreza relativa das fontes dá a impressão de que o período cassita é uma época de estagnação. Tudo indica pelo contrário que foi uma época de estabilidade, prosperidade, de potência militar, diplomática e comercial, de inovações e de progresso nos vários domínios. Não há dúvida de que os Cassitas restauraram a ordem e a paz num país que disso necessitava, eles adoptaram de imediato a civilização sumero-acádica, aderiram a tradições milenares, encorajaram as letras e as artes e comportaram-se como bons soberanos mesopotâmicos.

A partir do reinado de Agum II os monarcas cassitas não se intitularam mais de «reis de Babilónia» mas sim «reis de Karduniash», nome que designava na sua língua o conjunto da Baixa Mesopotâmia. Noutros termos, o conceito de «Babilónia» nascera.

A julgar pela onomástica, não parece que os Cassitas tivessem invadido a Mesopotâmia em massa. Várias tribos sedentarizaram-se. A aristocracia cassita formava o núcleo nobre do exército, sendo os guerreiros levados por carros ligeiros que eram puxados por cavalos rápidos; este povo era perito na arte de criar e de manejar o cavalo. Estes combatentes de elite, assim como os *sukka*, constituíam o séquito, desde logo, do soberano e da sua família.

A Babilónia estava dividida em províncias confiadas a governadores, os quais muitas vezes eram de origem local.

As pesquisas arqueológicas mostraram para esta época em toda a Baixa Mesopotâmia uma diminuição da superfície das grandes cidades

e uma multiplicação de grandes rebanhos e povoações. Relançamento da produção agrícola fundada sobre a repartição mais ampla do trabalho.

Paralelamente às pequenas e médias propriedades privadas, existiam grandes domínios pertencentes à coroa e aos templos submetidos ao controlo real e aos dignitários da corte.

Não se sabe praticamente nada da indústria na época cassita e ignora-se se o comércio era total ou parcialmente monopólio do «Estado». Os preços baseavam-se na existência de um estalão de valor.

Os reis cassitas restauraram e encheram de presentes numerosos santuários – Nippur, Larsa, Uruk e Ur. –, testemunhado a sua ligação às divindades sumero-acádicas. Dos deuses propriamente cassitas, Shuqamuna e Shimaliya possuíam templos em Babilónia. O mais entusiasta dos reis cassitas construtores foi Kurigalzu I (cerca de 1400 a. C.), que reconstruiu todos os templos de Ur assim como as suas fortificações; erigiu ainda um complexo com a sua residência principal que denominou de Dûr-Kurigalzu. As inovações vão, ainda, das modas de vestuário ao fabrico do vidro e a novas medidas agrárias.

Na literatura, o período cassita foi caracterizado por um esforço considerável para salvaguardar a herança de uma civilização venerável e venerada ao mesmo tempo que uma nova atitude face às relações entre o homem e a divindade e os grandes problemas morais.

II

As primeiras constatações deste povo na documentação cuneiforme encontra-se em Babilónia e remonta ao início do século XVIII a. C. A sua origem permanece incerta, mas as propostas mais prováveis situam-nos como procedentes do Zagros.

A arqueologia encontrou níveis de ocupação da época cassita em numerosas cidades da Mesopotâmia, particularmente em Ur, Nippur, Uruk e Babilónia, assim como Dûr-Kurigalzu, residência real fundada por Kurigalzu I, como frisámos, a mais de uma centena de quilómetros a nordeste de Babilónia. Estas escavações permitiram encontrar a arquitectura dos palácios e dos templos ou os bairros de habitação, mas igualmente vários *kudurru*, monumentos figurados característicos da arte da época cassita, e de numerosas impressões de selos.

Os Cassitas respeitaram as tradições religiosas mesopotâmicas, mas conservaram igualmente os seus próprios deuses, particularmente Shuqamuna e o seu par Shimaliya, considerados como os padroeiros

da dinastia: eles possuíam em Babilónia um santuário onde tinha lugar a investidura dos reis. Não se conhecem templos devotados às outras divindades como Buriash, Harbe, Maruttash ou Shuriash, pois alguns podem ter origem indo-europeia.

A língua cassita não se liga a nenhum grupo linguístico conhecido, sendo poucos os documentos redigidos em cassita, já que a população chegada a Babilónia adoptou desde logo o médio-babilónico.

Algumas listas lexicais, nomes próprios e termos técnicos relativos à criação de cavalos oferecem um *corpus* bastante restrito para permitir progressos decisivos na compreensão da língua. Os escribas continuaram e desenvolveram a tradição paleo-babilónica e a literatura conhecida na época cassita teve uma grande expansão. No I milénio, várias famílias de letrados neo-babilónicos estavam orgulhosos de ter por antepassados escribas cassitas. Obras-primas literárias como *A Epopeia de Gilgamesh*, *A Epopeia da Criação*, ou o poema dito do *Justo Sofredor* (*Ludlul bêl nêmeqi*), foram redigidos ou desenvolvidos durante este período.

Vários nomes de anos, de reis paleobabilónicos, mencionam os seus recontros com os Cassitas, mas estes não penetraram no país de forma violenta. Na região de Sippar são numerosas as menções de indivíduos ou grupos qualificados de Cassitas, distintos dos babilónios, eles são também implicados nas mesmas operações económicas.

No Médio Eufrates, um rei de Hana tinha o nome cassita de Kashtiliash, sem que seja possível precisar se se trata de um dos soberanos com esse nome conhecido em Babilónia, e também um texto de Alalah menciona um cassita.

Após a queda da dinastia de Hammurabi, os reis cassitas ascendem ao trono de Babilónia. Todavia, os Cassitas não formavam a maioria da população do reino e eles também não parecem ser dominantes nas camadas superiores do «Estado».

Na época médio-babilónica, os Cassitas são atestados também em Nuzi, em pleno meio hurrita, assim como na Assíria, onde Tukulti-Ninurta I os levou como prisioneiros de guerra após ter conquistado a Babilónia. Em cerca de 1155 a. C., uma invasão elamita depõe a dinastia reinante do trono de Babilónia, mas a população cassita, cada vez mais assimilada ao substrato local, continuou a residir em Babilónia.

Altos funcionários possuem nomes cassitas e monarcas da mesma origem tomam o poder entre 1026 e 986 a. C. No decurso do I milénio, os Cassitas estão sobretudo nas zonas montanhosas do Nordeste da Mesopotâmia até à época helenística onde as fontes os mencionam como tendo uma vocação guerreira.

Os testemunhos escritos acerca dos Cassitas provêm de fontes diversas. Os povos vizinhos mencionam a sua presença e as suas actividades. Contudo, os seus monarcas deixaram inscrições bastante raras. Existem também numerosos textos económicos, de notar os textos de Nippur onde as escavações deram cerca de 12 000 tabuinhas, mas a grande maioria desses textos permanece inédita.

Os arquivos familiares encontrados na cidade de Ur, em Tell Imlihiye, novamente de proveniência desconhecida, documentam as actividades de pessoas privadas: elas respeitam a compras de bens móveis, empréstimos, distribuição de rações e de processos. Enfim, as menções relativas à época cassita figuram em documentos posteriores.

A organização social permanece obscura para os períodos antigos. Ela é provavelmente tribal ou clânica. A partir do século XII a. C., os indivíduos diziam-se de um antepassado comum da linha masculina: o conjunto dos seus descendentes forma a «Casa» desse antepassado epónimo. Cada Casa estava submetida a um chefe ou «Senhor da Casa». Esses grupos podiam possuir grandes propriedades fundiárias. O seu vínculo com os reis e o «Estado» é mal conhecido. Os membros da família reinante eram também proprietários fundiários. A região de Nippur detinha nos séculos XIV e XIII a. C. um estatuto particular do seu governador, que tinha o título de GÚ.EN.NA e recebia do rei inúmeros domínios fundiários. O regime das terras poderia ser qualificado de «feudal».

III

As fontes do período cassita permitem-nos reconstruir um quadro fragmentário e inconclusivo da monarquia babilónica contemporânea. A dificuldade reside na sua utilidade para o objectivo proposto.

As fontes principais foram a real correspondência babilónica com as cortes egípcias, hititas e assírias.

As inscrições reais cassitas, após 1250 a. C., revelam alguma coisa da estrutura tributária e a administração provincial sob o jugo cassita mas dizem-nos pouco acerca da monarquia.

Com as fontes dispersas deixou-se enormes faltas na cobertura cronológica e geográfica da história cassita. A monarquia do período cassita apresenta duas importantes questões que a distinguem da realeza dos primórdios. Primeiro, o monarca é rei de Babilónia, não o dirigente da cidade-estado mas aquele que controlava a Baixa Mesopotâmia, isto é, o rei é primeiro e acima de tudo o líder do país. Com o colapso da dinastia

das Terras do Mar no século XV a. C. e a extensão do domínio cassita para sul a Baixa Mesopotâmia foi unificada, e a unidade por vários séculos tornou-se na norma mais do que na excepção. Os dias da cidade-estado e da cidade-estado extensa estavam passados – começara a época da monarquia nacional.

O segundo importante aspecto dos tempos da monarquia cassita era a sua alta patente nos negócios internacionais. No mundo cosmopolita da Ásia Ocidental dos séculos XIV e XIII a. C, quando as várias cortes principais do Egipto e do Hatti no oeste da Babilónia e no leste estavam em contacto próximo, a culturas e a língua desempenharam um papel forte e enraizado, considerando que a própria Babilónia não era geograficamente ou militarmente dominante. Contudo, não há qualquer dúvida de que Babilónia era um dos poucos reinos da época, tendo o *sharru rabû* as suas próprias relações diplomáticas com os outros poderosos estados do tempo.

O conceito de «Grande Rei» nesta fase na história asiática ocidental não foi bem compreendido, e o grande rei cassita insere-se nessa incompreensão.

Entre os séculos XV e XIII a. C. a maioria das cortes do Próximo Oriente estavam frequentemente ligadas por tratados e laços informais de amizade. Contactos frequentes eram mantidos entre cortes através de um serviço directo de mensageiros que levavam cartas e presentes entre monarcas. Se por qualquer razão o serviço era interrompido muitos e sérios desacordos tinham lugar entre cortes.

As relações entre monarcas eram alicerçadas e desenvolvidas por casamentos diplomáticos, como o das três princesas babilónicas com dirigentes egípcios no período de Amarna (meados do século XIV a. C.).

As trocas do comércio externo e as efectuadas entre soberanos não eram de menosprezar. Tais trocas não eram insignificantes na economia do país tal como se prova pelo facto de que Babilónia nos séculos XIV e XIII a. C. passou a usar o padrão ouro para o cálculo de preços.

O palácio babilónico estava comprometido no comércio apesar de não se saber se os mercadores eram ou não simples agentes das comissões reais. Outro aspecto que deve ser mencionado na época do grande rei é o militar. As relações da monarquia babilónica com os restantes poderes maiores eram cordiais. Os laços de amizade usualmente implicavam um mútuo apoio militar ou pelo menos a não-agressão, não sendo surpreendente ver as obrigações do grande rei expostas em termos militares.

As batalhas levadas a cabo pelos exércitos cassitas estão registadas em crónicas épicas mas são poucas e não dão detalhes de estratégias

e só uma pequena exaltação do vencedor. O exército babilónico não era uma força defensiva negligenciável. Em várias ocasiões do século XIV ao século XII a. C. tomou a ofensiva e invadiu o Elam e a Assíria. A única derrota maior deveu-se a Tukulti-Ninurta I.

Sabe-se pouco acerca do exército babilónico para além das epistolares menções aos soldados, cavalos e carros.

O rei, por vezes, conduzia em pessoa o exército, pelo menos nos principais combates. Os cavalos e os carros eram considerados uma das maiores forças, evidenciando os cassitas um grande interesse pela criação de cavalos. Sabe-se que os ganhões e carros cassitas eram recebidos como presentes de boas vindas noutras cortes reais.

As forças militares babilónicas foram, provavelmente, reorganizadas na época cassita com novas armas, como o carro, e certos oficiais militares como *sakrumash*.

Também empregavam mercenários estrangeiros, particularmente na guarda dos centros urbanos. Quanto aos próprios monarcas a ignorância é grande sobre o assunto. Parece ter havido 36 reis em 576 anos, embora não se consiga reconstruir os nomes e a sequência dos soberanos iniciais. Todavia, a dinastia parece ter sido composta por uma única família durante este tempo.

Filhos e filhas do rei poderiam receber grandes propriedades por parte do monarca. O irmão do rei também poderia ser o comandante de um exército. A posição das rainhas e princesas reais é interessante devido ao costume prevalecente do casamento diplomático já mencionado.

A titulação dos reis cassitas pode dizer algo acerca da natureza da monarquia. O título *sharru rabû* (grande rei) era reservado para o uso da correspondência internacional. Os títulos teriam uma distribuição aleatória.

Quanto à burocracia sabemos muito pouco do tempo dos reis cassitas. As províncias eram governadas individualmente pelo *shaknu* mas não se sabe praticamente nada dos seus deveres até à época da II dinastia de Isin. A província de Nippur, todavia, era dirigida pelo *shandabakku*, e o cargo de governador, por vezes, descendia da mesma família. Mas fica por provar se este título único de governador de Nippur implicava um estatuto elevado em contraste com outros governadores da região. A verdade é que não sabemos até onde ia a jurisdição do *shandabakku*. Quanto ao sistema de taxação, a informação provém dos *kudurru*, e encontramos taxas em espécies e em corveias, e a requisição de homens e animais por longos períodos era evitada por decretos reais. É incerto se o estatuto de isenção das principais cidades religiosas data desta altura; a inscrição de Kurigalzu sugere tal, pelo menos, para Babilónia. O rei

tinha de respeitar a propriedade privada da terra e era forçado a comprar terra quando queria uma porção particular de propriedade.

Conclusão

Apesar da ausência de referências claras quanto aos Cassitas, estes foram um tipo de «invasores» que não só zelaram pelos interesses babilônicos mas também cultivaram o seu legado. Com eles no poder a Babilônia não só não morreu como civilização mas foi, no seu tempo, uma potência a ter em consideração e com um importante papel a desempenhar.

Bibliografia

Francis JOANNÈS (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris: Robert Laffont, 2001.

Grant FRAME, *Babylonia 689-627 B.C. A Political History*, Leiden: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut Te Istanbul, 1992.

George ROUX, *La Mésopotamie. Essai d'histoire politique, économique et culturelle*, Paris: Seuil, 1985.

Giovanni PETTINATO, *Babilonia. Centro dell'universo*, Milão: Rusconi Libri, 1994.

J. N. POSTGATE, *La Mesopotamia Arcaica. Sociedad y Economía en el Amanecer de la Historia*, Madrid: Ediciones Akal, 1999.

John A. BRINKMAN, «The Monarchy in the time of the Kassite Dynasty», em Paul Garelli (ed.), *Le Palais et la Royauté (Archéologie et Civilisation)*, Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1974, pp. 395-408.

Josef KLÍMA, *Sociedad y Cultura en la Antigua Mesopotamia*, Madrid: Akal Editor, 1983.

P. GARELLI e V. NIKIPROWETZKY, *El Próximo Oriente Asiático. Los Imperios Mesopotámicos. Israel*, Barcelona: Editorial Labor, 1981.